

RISCOS OCUPACIONAIS EM UNIDADES DE SAÚDE: ANÁLISE QUALITATIVA NA UBS TEREZINHA DE JESUS

Jorge Luis Cury¹, Clélio Rodrigo Paiva Rafael², Antonio Marcos Pereira Alves³, Nizzia Valentim Araújo⁴, Ronald Assis Fonseca⁵, Geraldo Henrique Alves Costa Amorim⁶

¹Faculdade de Minas, Brasília, Brasil (renata.eng.ambiental@gmail.com)

² Faculdade de Minas, Mossoró, Brasil (clelio_rodrigo10@hotmail.com)

Resumo: Este estudo teve como objetivo identificar e analisar os riscos ocupacionais presentes na Unidade Básica de Saúde Terezinha de Jesus, localizada no município de Santa Rita do Tocantins – TO. A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa, com base em inspeções in loco, registros fotográficos e observações técnicas das atividades desenvolvidas pelos profissionais de diferentes setores da unidade. Os riscos foram classificados conforme a tipologia prevista nas normas regulamentadoras vigentes. Os resultados evidenciam a presença simultânea de riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, mecânicos e psicossociais, com destaque para a exposição contínua a agentes infecciosos, esforço físico elevado, armazenamento inadequado de materiais perigosos e episódios de violência em campo. Verificou-se também subnotificação dos riscos físicos e baixa percepção sobre os riscos químicos por parte dos trabalhadores. As condições estruturais e organizacionais observadas estão em desacordo com a NR-17 e NR-32, comprometendo a segurança e a saúde ocupacional. O estudo reforça a necessidade de intervenções estruturais e institucionais que incluam capacitação contínua, melhorias no ambiente de trabalho, protocolos específicos de prevenção e suporte psicossocial aos trabalhadores da atenção primária.

Palavras-chave: exposição laboral; segurança do trabalhador; atenção primária à saúde; condições de trabalho; saúde do trabalhador.

INTRODUÇÃO

As Unidades Básicas de Saúde (UBS) configuram-se como espaços estratégicos na estruturação da Atenção Primária à Saúde (APS), sendo o ponto de entrada preferencial do Sistema Único de Saúde (SUS). Responsáveis por atender até 80% das demandas em saúde da população, essas unidades concentram, por sua natureza e abrangência, uma variedade de riscos ocupacionais que incidem sobre os trabalhadores da saúde (Peixoto; Santos, 2020; Chiodi e Marziale, 2006).

A diversidade de atividades desenvolvidas — como consultas clínicas, atendimento odontológico, administração de medicamentos, realização de curativos, vacinação, ações em campo e transporte de pacientes — expõe os profissionais a agentes físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, mecânicos e psicossociais. Os fatores de risco variam em magnitude e frequência, sendo muitas vezes subnotificados ou naturalizados pelas equipes de saúde (Chiodi e Marziale, 2006; Marinelli et al., 2014).

No contexto das UBS, os riscos biológicos são os mais recorrentes e críticos, relacionados à exposição constante a vírus, bactérias, fungos, protozoários e

outros agentes infecciosos, o que compromete diretamente a integridade física dos trabalhadores, especialmente de enfermagem e odontologia. Essa realidade foi apontada por Silva et al. (2017), que destacam a ausência de ventilação adequada, o uso de torneiras comuns e a manipulação de fluidos corporais como fatores agravantes para a disseminação de microrganismos.

Os riscos químicos também se fazem presentes, sobretudo em setores que utilizam saneantes, inseticidas e gases medicinais. O contato com substâncias tóxicas de forma inalatória, dérmica ou por ingestão acidental pode gerar efeitos cumulativos e imediatos, frequentemente não reconhecidos como perigosos pelos próprios trabalhadores, como demonstrado por Chiodi e Marziale (2006) em revisão sobre UBS.

Quanto aos riscos físicos, estes são amplamente negligenciados nas unidades básicas, embora o ruído, a radiação (ionizante e não ionizante), a iluminação inadequada e a temperatura excessiva estejam frequentemente presentes em ambientes como consultórios odontológicos, ambulâncias e salas de espera. Marinelli et al. (2014) apontam que a invisibilidade desses agentes compromete a



prevenção, uma vez que a percepção do risco é limitada mesmo em ambientes com clara exposição energética.

No que se refere aos riscos ergonômicos, destacam-se os esforços repetitivos, as posturas forçadas, o transporte manual de pacientes e equipamentos, além das jornadas prolongadas, condições que favorecem o surgimento de lesões osteomusculares e fadiga crônica. Esses fatores são agravados pela ausência de mobiliário adequado e pela intensificação do trabalho em equipes reduzidas, como assinalado por Lima, Gomes e Barbosa (2020).

Já os riscos de acidentes estão associados à precariedade da infraestrutura física, presença de materiais perfurocortantes, falhas em equipamentos e situações de risco viário durante o deslocamento de pacientes em áreas rurais e rodoviárias. Peixoto e Santos (2020) indicam que a manutenção inadequada dos veículos e a ausência de medidas básicas de segurança elevam o potencial de sinistros com danos corporais e materiais.

Especial atenção deve ser dada aos riscos psicossociais, cujos efeitos incluem adoecimento mental, esgotamento emocional, ansiedade, distúrbios do sono e depressão. A exposição contínua a situações de violência, o assédio moral, a falta de autonomia e a pressão por resultados afetam diretamente a saúde mental dos trabalhadores da APS, como demonstrado por Chiodi e Marziale (2006) e corroborado por Silva et al. (2017). Estudo de Lima, Gomes e Barbosa (2020) confirma a associação entre condições adversas de trabalho e baixos indicadores de qualidade de vida, sobretudo nos domínios psicológico e organizacional.

Durante a pandemia da Covid-19, esses riscos foram acentuados. A ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a sobrecarga de trabalho e a desigualdade de acesso às medidas de biossegurança tornaram-se fatores adicionais de risco ocupacional, com impactos diretos na saúde dos trabalhadores (Marinho et al., 2022).

Nesse cenário, buscou-se realizar uma análise contextualizada dos riscos ocupacionais em unidades de saúde no caso específico da UBS Terezinha de Jesus, localizada no município de Santa Rita do Tocantins – TO. O estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar os riscos aos quais estão expostos os profissionais de saúde da unidade. Foram observadas a estrutura física da UBS e todas as atividades desempenhadas por trabalhadores das equipes de enfermagem, recepção, agentes comunitários, condutores, odontologia, serviços gerais e apoio técnico, a fim de identificar os principais riscos ocupacionais presentes e seu enquadramento conforme as normas regulamentadoras aplicáveis.

MATERIAL E MÉTODOS

A avaliação dos riscos ocupacionais na UBS Terezinha de Jesus foi realizada por meio de análise qualitativa, com base em inspeção direta no local, registro fotográfico autorizado, observações técnicas in loco e levantamento de relatos operacionais junto a profissionais da unidade. A abordagem metodológica considerou a caracterização dos ambientes de trabalho e das funções desempenhadas, além da identificação e descrição dos agentes de risco conforme as classificações previstas na NR-01, NR-17 e NR-32. As atividades foram executadas entre os dias 03 de janeiro e 22 de maio de 2025.

Caracterização da unidade e do escopo funcional

A primeira etapa consistiu no levantamento das atribuições da UBS, sua abrangência territorial e o escopo das atividades desempenhadas. Foram identificadas as funções exercidas por servidores fixos e itinerantes, como: atendimento clínico, odontológico, vacinação, transporte de pacientes, ações de endemias, visitas domiciliares e apoio logístico à Secretaria Municipal de Saúde.

Foram também consideradas as peculiaridades geográficas e operacionais da unidade, tais como: localização em zona de rodovia federal (BR-153), cobertura de zona rural extensa, inexistência de hospital local e distâncias superiores a 100 km até o hospital de referência.

Levantamento dos riscos ocupacionais

A identificação dos riscos foi conduzida com base na observação direta e registro das exposições mais frequentes nos seguintes grupos de risco:

- Riscos físicos: radiação ionizante (raio X odontológico), ruído (veículos), calor (exposição solar, ambientes sem climatização);
- Riscos químicos: uso de inseticidas, produtos de limpeza, álcool e oxigênio medicinal;
- Riscos biológicos: contato com fluidos biológicos, pacientes infectocontagiosos, agentes endêmicos;
- Riscos ergonômicos: esforço físico intenso, posturas forçadas, trabalho em pé prolongado, carga de trabalho;
- Riscos de acidentes (mecânicos): piso escorregadio, armazenamento de cilindros, falhas em ambulâncias, acidentes viários;
- Riscos psicossociais: agressões, jornada extensa, falta de autonomia e centralização administrativa.

Para cada categoria, foram descritas as situações de exposição, locais críticos, agentes causadores e potenciais consequências à saúde do trabalhador.

As evidências coletadas foram documentadas por meio de:

- Registros fotográficos (com autorização e sem identificação pessoal);
- Citações normativas (NRs aplicáveis);
- Quadros síntese por categoria de risco;
- Comparações com achados de literatura científica, com destaque para estudos nacionais sobre riscos ocupacionais em UBS e atenção primária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A UBS Terezinha de Jesus

A Unidade Básica de Saúde (UBS) Terezinha de Jesus, situada no município de Santa Rita do Tocantins – TO, está sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde e Saneamento. Por ser a única unidade de assistência médica do município, suas atividades extrapolam as atribuições convencionais da atenção primária, assumindo, na prática, funções de pronto atendimento.

O regime de funcionamento regular é das 7h às 17h, de segunda a sexta-feira, com atendimento em regime de plantão nos demais períodos. A extensão da cobertura, que inclui a zona rural e o atendimento a ocorrências na BR-153, resulta em sobrecarga estrutural e funcional. Apesar da ausência de leitos de internação ou suporte avançado, como centro cirúrgico e unidade de terapia intensiva, a UBS realiza procedimentos e acolhe demandas emergenciais compatíveis com suas limitações técnicas.

Essa condição híbrida entre UBS e unidade de pronto atendimento, aliada à escassez de recursos humanos e materiais, amplia a exposição dos trabalhadores a riscos ocupacionais complexos e multifatoriais.

Análise Integrada dos Riscos Ocupacionais na UBS Terezinha de Jesus

A caracterização dos riscos ocupacionais na UBS Terezinha de Jesus abrange diferentes setores e categorias profissionais, resultado da diversidade de atividades desenvolvidas pela unidade. Os principais riscos foram organizados no Quadro 1, por tipo de risco, fonte de exposição, setores atingidos e gravidade estimada.

Quadro 1. Mapeamento dos riscos ocupacionais identificados na UBS Terezinha de Jesus

Tipo de Risco	Fontes/Agentes	Setores/Categorias afetadas	Gravidade estimada
Físico	Radiações (Raio X, ultrassom), ruído (ambulâncias), calor excessivo	Odontologia, recepção, motoristas, agentes de	Moderada a Alta

		endemias	
Químico	Inseticidas, álcool, produtos de limpeza, oxigênio medicinal	Agentes de endemias, condutores, limpeza, enfermagem	Alta
Biológico	Vírus (COVID-19, hepatites, HIV), bactérias, fungos, protozoários, bacilos	Toda a equipe de saúde, principalmente enfermagem	Crítica
Ergonômico	Levantamento de pacientes, transporte de cilindros, posturas forçadas, trabalho em pé, ritmo intenso	Condutores, enfermagem, recepção, TFD	Alta
Mecânico / Acidente	Equipamentos perfurocortantes, piso escorregadio, animais peçonhentos, ambulâncias defeituosas	Toda a UBS, com ênfase em motoristas e enfermagem	Alta
Psicossocial	Agressões, assédio moral, sobrecarga, falta de autonomia, jornadas prolongadas	Recepção, condutores, enfermagem, agentes de campo	Alta

A presença simultânea de múltiplos riscos em diferentes áreas da UBS, com destaque para biológicos, ergonômicos e psicossociais, confirma os achados de Silva et al. (2017), que identificaram esses mesmos grupos como predominantes em unidades básicas de saúde, com destaque para a exposição contínua a microrganismos, cargas físicas excessivas e pressão psicológica.

Além disso, observa-se convergência com o estudo de Marinelli et al. (2014), no que tange à subnotificação e invisibilidade dos riscos físicos, como ruído e temperatura, frequentemente negligenciados no cotidiano da UBS — o que também se verifica neste trabalho, sobretudo nas áreas de recepção e veículos.

Outro ponto de destaque é o desconhecimento dos riscos químicos por parte dos servidores, fenômeno igualmente identificado por Chiodi e Marziale (2006), que apontaram falhas na percepção de risco associadas à manipulação de substâncias comuns, como saneantes e gases medicinais.

Riscos biológicos e químicos: exposição permanente e múltiplas fontes de contato

As condições de trabalho na UBS Terezinha de Jesus apresentam a exposição contínua dos profissionais de saúde a agentes biológicos e químicos, provenientes tanto das atividades internas da unidade quanto das ações externas, como visitas domiciliares e transporte

de pacientes. Tais exposições são agravadas por inadequações estruturais, falhas na gestão de insumos e ausência de controles específicos, em desconformidade com as exigências da NR-32.

Riscos biológicos

A exposição a agentes biológicos na UBS é ampla e inevitável, dada a natureza dos atendimentos realizados. Os trabalhadores estão potencialmente expostos a vírus (COVID-19, hepatites, HIV), bactérias (inclusive multirresistentes), protozoários (como os causadores de malária, doença de Chagas e toxoplasmose), fungos (responsáveis por micoses e meningites), parasitas (vermes, Clostridium tetani) e bacilos, incluindo o Bacilo de Koch, agente da tuberculose.

Embora esses riscos sejam inerentes aos serviços de saúde, o relatório aponta fragilidades importantes, como o uso de torneiras comuns e a ausência de exaustores em locais com circulação de gases — aspectos que contrariam a NR-32, elevando o risco de contaminação cruzada. Essa situação é comparável aos achados de Silva et al. (2017), que também identificaram risco elevado de infecções em ambientes mal ventilados e com ausência de barreiras sanitárias adequadas.

Além disso, chama atenção a presença de fluxo elevado de pessoas de diversas localidades (inclusive de áreas rurais e rodoviárias), o que amplia o potencial de disseminação de patógenos respiratórios e doenças infecciosas emergentes. Essa condição foi identificada como fator crítico por Marinho et al. (2022), que apontam a circulação populacional e a sobrecarga de atendimentos como vetores de ampliação do risco biológico em unidades básicas.

Riscos químicos

Os riscos químicos identificados estão associados ao uso e manipulação de substâncias como:

- Inseticidas, utilizados por agentes de endemias e, eventualmente, por condutores e agentes comunitários;
- Oxigênio medicinal, armazenado em cilindros sob pressão, com risco de explosão quando combinado a combustíveis;
- Produtos inflamáveis, como álcool e insumos de limpeza;
- Produtos químicos diversos empregados na higienização de ambulâncias e ambientes da UBS.

Um dos principais achados do diagnóstico foi a percepção reduzida desses riscos pelos próprios trabalhadores, mesmo em situações de uso rotineiro. Essa invisibilidade da exposição química é coerente com os resultados apresentados por Chiodi e

Marziale (2006), que relataram a baixa percepção de risco associada a produtos de uso cotidiano.

O armazenamento inadequado dos cilindros de oxigênio — junto a materiais combustíveis e em ambiente fechado — representa violação direta das normas de segurança, em especial a NR-32 e a NR-23. Tal configuração eleva o potencial de acidentes por explosão ou incêndio, principalmente em ambientes onde há grande circulação de pessoas e ausência de sistemas de alarme e ventilação forçada.

Quadro 2. Comparativo entre riscos biológicos e químicos identificados e principais fontes de exposição.

Tipo de risco	Fontes principais	Categorias expostas	Normas envolvidas
Biológico	Pacientes com doenças infectocontagiosas, superfícies, ar, fluidos corporais	Enfermagem, médicos, agentes de saúde, recepção	NR-32
Químico	Inseticidas, álcool, produtos de limpeza, oxigênio medicinal	Condutores, agentes de endemias, limpeza, recepção	NR-32, NR-23

Riscos ergonômicos e riscos de acidentes: estrutura precária e exigências operacionais intensas

O ambiente laboral da UBS Terezinha de Jesus impõe aos trabalhadores exigências físicas e organizacionais incompatíveis com os princípios da ergonomia definidos pela NR-17, resultando em sobrecarga musculoesquelética, posturas inadequadas, ritmos excessivos de trabalho e exposição a situações de risco potencialmente traumáticas. Paralelamente, os riscos de acidentes se multiplicam em razão de deficiências estruturais, armazenamento inadequado de materiais perigosos e falhas recorrentes em equipamentos.



Figura 1. Equipamento de raio X odontológico presente na unidade.

Riscos ergonômicos

A atuação dos profissionais em diferentes frentes — atendimentos de emergência, transporte de pacientes, visitas domiciliares, manipulação de cilindros e longos períodos em pé — resultam em esforço físico elevado, repetitivo e não assistido por recursos de apoio mecânico. Foram observadas situações críticas como:

- Levantamento de pacientes em maca, prancha ou cadeira de rodas, sem auxílio mecânico;
- Reposição manual de cilindros de oxigênio;
- Postura inadequada devido a mobiliário fixo e danificado, especialmente em ambulâncias;
- Ritmos acelerados e jornadas prolongadas, inclusive em plantões noturnos, com redução de pausas e recuperação física.



Figura 2. Maca de ambulância.



Figura 3. Cadeira de rodas da UBS

Essas condições se alinham aos achados de Lima, Gomes e Barbosa (2020), que associam as más condições ergonômicas em UBS ao aumento de distúrbios osteomusculares, fadiga crônica e absenteísmo. Além disso, o controle rígido de metas e a ausência de autonomia no trabalho foram relatados como fatores agravantes da tensão físico-psíquica, em consonância com os riscos psicossociais abordados na próxima seção.

Riscos de acidentes

A análise a presença de diversos cenários de risco mecânico, causados por condições físicas inadequadas, falhas em equipamentos e situações operacionais de alto risco, como o transporte de pacientes por rodovias perigosas. Principais achados:

Arranjo físico inadequado, com piso escorregadio e cilindros de oxigênio armazenados junto a materiais combustíveis (Figura 4);



Figura 4. Armazenamento inadequado de cilindros de oxigênio

Presença de animais peçonhentos em zonas rurais, inclusive em atendimentos domiciliares (Figura 5);



Figura 5. Cobra coral verdadeira. Atendimento na zona rural

Equipamentos perfurocortantes sem proteção específica;

Falhas graves em ambulâncias, como ausência de sinalização (strobos), defeitos em giroflex, ar-condicionado quebrado e abertura anormal de portas traseiras — riscos diretos à integridade dos condutores e pacientes;

Risco viário elevado, sobretudo durante o transporte noturno em rodovias federais, expostos a animais na pista, queda de árvores (Figura 6), neblina e imprudências de terceiros.



Figura 6. Queda de árvore devido a ventos na BR – 153.

Esse conjunto de condições assemelha-se àqueles identificados por Peixoto e Santos (2020), que analisaram riscos de acidente em UBS com estrutura de atendimento ampliado. Em especial, o armazenamento inadequado de gases e as condições precárias de transporte sanitário são apontados como fatores críticos para acidentes com potencial de morte.

Riscos psicossociais: tensão emocional, violência e ausência de autonomia

A exposição a fatores psicossociais na UBS Terezinha de Jesus foi evidenciada tanto em relatos de situações extremas quanto nas dinâmicas cotidianas do trabalho. Esses riscos, ainda pouco reconhecidos em práticas de gestão de segurança, são referenciados pela literatura como fatores críticos para o adoecimento mental e emocional dos trabalhadores da saúde (Lima, Gomes e Barbosa, 2020; Chiodi e Marziale, 2006).

Os principais fatores identificados foram: violência externa, assédio moral, carga horária excessiva, centralização de decisões e pressão por resultados, todos eles presentes de forma explícita nas vivências dos profissionais entrevistados e observados em campo.

Violência e agressões no exercício da função

O caso de maior gravidade relatado refere-se à tentativa de agressão com arma branca contra uma condutora de ambulância durante atendimento em zona rural, resultando em danos físicos ao veículo (Figuras 7 e 8). Situações como essa extrapolam os riscos típicos da atenção primária, representando uma ameaça direta à integridade física e psíquica do trabalhador.



Figura 7. Marcas no vidro devido ao ricochete da faca ao atingir o vidro.



Figura 8. Vidro da porta do compartimento traseiro quebrado.

Tal episódio mostra a vulnerabilidade dos profissionais em campo, situação também relatada por Silva, Sena e Leite (2004) em sua análise sobre riscos psicossociais enfrentados por agentes comunitários de saúde durante visitas domiciliares em áreas de risco.

Falta de controle, excesso de jornada e centralização

Foram relatadas situações em que os servidores não possuem autonomia sequer para resolver questões operacionais básicas, como o conserto de pneus de ambulância, dependendo de autorizações externas. Essa falta de controle sobre as tarefas é reconhecida pela NR-17 como fator de risco psicossocial, por gerar desmotivação, estresse e sensação de impotência.

A jornada extensa de trabalho de condutores, agentes e equipes envolvidas em ações com prazos rígidos também foi citada como fator de desgaste físico e mental. Tais condições configuram sobrecarga laboral, conforme conceito exposto por Azevedo, Nery e Cardoso (2017), sendo consideradas determinantes do absenteísmo, distúrbios do sono, ansiedade e burnout.

Efeitos sobre a saúde mental

Os principais efeitos esperados dessas exposições são: estresse crônico, ansiedade, depressão, síndrome de burnout, doenças cardiovasculares, pressão arterial elevada, distúrbios musculares, distúrbios do sono, redução da motivação e da concentração, além de erros operacionais, faltas e afastamentos (Peixoto e Santos, 2020; Lima, Gomes e Barbosa, 2020).

CONCLUSÃO

A análise realizada na UBS Terezinha de Jesus permitiu identificar a presença de riscos ocupacionais de natureza física, química, biológica, ergonômica, de acidentes e psicossociais, com diferentes graus de



gravidade e dispersos por praticamente todos os setores da unidade e serviços associados.

O risco biológico é permanente, resultante da exposição direta a pacientes, materiais contaminados e ambientes com ventilação e barreiras sanitárias insuficientes. Os riscos químicos, embora presentes, foram pouco reconhecidos pelos trabalhadores, especialmente no que se refere ao manuseio de inseticidas, álcool e cilindros de oxigênio.

Os riscos ergonômicos decorrem da inexistência de adequações físicas e da sobrecarga de atividades físicas manuais, como levantamento de pacientes e transporte de insumos. Já os riscos de acidentes são amplificados por falhas estruturais, como armazenamento impróprio de cilindros, uso de equipamentos danificados e condições precárias de deslocamento intermunicipal.

Os fatores psicossociais identificados — violência, jornada prolongada, ausência de autonomia e cobrança excessiva — se conectam diretamente ao adoecimento mental e emocional da força de trabalho, confirmando achados de estudos nacionais aplicados ao contexto da Atenção Primária.

A complexidade das atividades da UBS, somada à sua condição de único ponto de assistência médica no município, exige estratégias específicas e contínuas de gestão dos riscos ocupacionais. Tais estratégias devem considerar:

Capacitação contínua dos trabalhadores sobre os riscos presentes e as medidas de controle;

Adequações estruturais e organizacionais, especialmente nos aspectos relacionados à ergonomia e segurança química;

Implantação de protocolos para eventos críticos, incluindo situações de violência externa;

Monitoramento periódico dos ambientes de trabalho, com aplicação de metodologias participativas como APR e Mapas de Risco;

Apoio psicossocial institucionalizado, com escuta qualificada e encaminhamentos adequados para casos de sofrimento mental.

A persistência de não conformidades normativas, sobretudo em relação à NR-32 e NR-17, reforça a necessidade de investimento técnico e político no fortalecimento da cultura de prevenção nas unidades de saúde do interior.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Faculdade de Minas – FACUMINAS pela oferta do curso de Engenharia de Segurança do Trabalho e pelo apoio institucional e orientação prestados durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradecemos também aos órgãos e comunidades envolvidas no estudo, pelo apoio, autorização e disponibilidade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, B. D.; NERY, A. A.; CARDOSO, J. P. Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 48–54, 2017.
- CHIODI, M. B.; MARZIALE, M. H. P. Riscos ocupacionais para trabalhadores de Unidades Básicas de Saúde: revisão bibliográfica. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 212–217, 2006.
- LIMA, S. M. A.; GOMES, S. E. R.; BARBOSA, A. H. C. Qualidade de vida e fatores associados em trabalhadores de saúde da atenção básica. *Revista de Saúde Pública do Paraná, Cascavel*, v. 21, n. 2, p. 47–58, 2020.
- MARINELLI, N. P.; POSSO, M. B. S.; MARINELLI FILHO, T. Agentes físicos em Unidades Básicas de Saúde: potencialidade de riscos ocupacionais. *Revista Univap, São José dos Campos*, v. 20, n. 36, p. 24–34, 2014.
- MARINHO, F. A. A. S.; SANTOS, S. M. D.; GONÇALVES, M. S. Exposição ocupacional aos riscos biológicos e as medidas de proteção adotadas por profissionais da saúde durante a pandemia da COVID-19. *Revista Cuidarte, Bucaramanga*, v. 13, n. 1, p. e3007, 2022.
- PEIXOTO, C. M. M.; SANTOS, V. M. Análise dos riscos ocupacionais em uma Unidade Básica de Saúde – UBS. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência e Tecnologia) – Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2020.
- SILVA, K. O. et al. Avaliação dos riscos ocupacionais em unidade básica de saúde. *Extensão em Ação, Fortaleza*, v. 2, n. 14, p. 81–93, 2017.
- SILVA, M. A. S.; SENA, R. R.; LEITE, M. M. J. Violência no trabalho: vivências dos agentes comunitários de saúde. *Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro*, v. 12, n. 3, p. 345–351, 2004.